

## CONFLITO NO SAARA OCIDENTAL: O RECONHECIMENTO AMERICANO

Artur Bertolucci<sup>1</sup>  
Ana Clara Figueira Guimarães<sup>2</sup>



Fonte: Estrada; Costa ([2020]).

A região do Saara Ocidental foi anexada pela Espanha em 1884 com o objetivo de estabelecer um protetorado espanhol na região costeira o qual foi reconhecido pela Conferência de Berlim em 1885. A localidade se manteve como colônia espanhola até fevereiro de 1976, quando Madri optou por se retirar do território. O Saara Ocidental situa-se no Norte da África, voltado para o Oceano Atlântico, faz fronteira com Marrocos, Argélia e Mauritânia, e abrange uma área de 266 mil km<sup>2</sup> em pleno deserto saariano. Desde então, este território se tornou espaço de disputas entre Marrocos, Mauritânia e a Frente Polisário (*Frente Popular de Libertación de Saguía el-Hamra y Rio de Oro*), que buscavam o controle da região.

A Frente Polisário é um movimento político-revolucionário criado em 29 de abril de 1973 que procura a autonomia do Saara Ocidental, e luta pela autodeterminação do povo saarauí. No início da década de 1970, com o intuito de sair da região, o governo

---

<sup>1</sup> Mestre em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais 'San Tiago Dantas' (UNESP, UNICAMP, PUC-SP). E-mail: arturbertolucci83@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais 'San Tiago Dantas' (UNESP, UNICAMP, PUC-SP), bacharel em Defesa e Gestão Estratégica Internacional. E-mail: anaclarafigueiraguimaraes@gmail.com

espanhol propôs a realização de um referendo para que a população saarauí decidisse sobre a independência do Saara Ocidental. Nesse ínterim, tanto Marrocos, tendo como líder Hassan II, como Mauritânia, sob a Presidência de Mohtar Uld Dadá, alegaram laços culturais e étnicos em vista dos interesses de domínio da região, assim como não consideravam legalidade no referendo, afirmando que eles possuíam controle histórico sobre a região anteriormente ao domínio espanhol.

Em resposta à reivindicação de soberania de ambos países, a Corte Internacional de Justiça (CIJ) foi acionada através da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) quanto ao *status* jurídico do Saara Ocidental (SMITH, 2004, p. 6). O parecer foi negativo para ambos os reclamantes, definindo que o futuro do Saara Ocidental dizia respeito apenas ao povo saarauí e que os laços históricos não representavam domínio sobre o território (ICJ, 1975). Indo contra a decisão da corte, o Marrocos incentivou a “Marcha Verde”, que consistiu no envio de 350 mil civis desarmados do Marrocos para o território do Saara Ocidental, levando a Espanha a desistir de realizar o referendo. Esse movimento representou a ocupação militar marroquina disfarçada na região (UPPSALA, [2020]). A Mauritânia também passou a ocupar a parte sul do Saara Ocidental, levando à saída da Espanha e à transferência do controle sobre o território para os países ocupantes por meio do Acordo de Madrid (PEREIRA, 2012).

Para buscar a independência do país e a instauração de um governo saarauí, a Frente Polisário passou a combater as forças marroquinas e mauritanas através da criação de um braço armado, o Exército de Libertação do Povo Saarauí (SPLA) (UPPSALA, [2020]). Com os conflitos, milhares de pessoas fugiram do Saara Ocidental e se refugiaram na Argélia, criando diversos campos de refugiados, como por exemplo o da região de Tindouf, onde se fundou a República Árabe Saariana Democrática (RASD), já em 1975.

O confronto contra as tropas mauritanas se resolveu em menos de 4 anos, sendo assinado um acordo de paz entre Mauritânia e Frente Polisário em 1979, com a retomada de parte do território pelos saarauís e o reconhecimento da RASD. Com o território retomado da Mauritânia, a Frente Polisário passou a possuir um terço do antigo território do Saara Ocidental, com a maior parte (dois terços) ainda sob possessão marroquina.

O conflito entre as forças marroquinas e os saarauís continuaram e se acentuaram, ocasionando em 226 mortes entre 1989 e 1991 (UPPSALA, [2020]) e 150.000 refugiados saarauís (PEREIRA, 2012). Tentando diminuir os conflitos, o governo do Marrocos

construiu um muro de cerca de 2.700 quilômetros (km) de extensão, o qual foi batizado como o “Muro da Vergonha”, e é rodeado de minas terrestres o que impossibilita a circulação da população. Entretanto, durante os dezesseis anos de conflito resultaram-se em cerca de 100 mil mortos e mais de 200 mil deslocados (UNGER, 2020).

Sem perspectivas de que as forças em questão chegassem a um acordo ou procurassem a paz, a Organização da Unidade Africana (OUA) – predecessora da atual União Africana (UA) – e a Organização das Nações Unidas (ONU) passam a construir alternativas para a paz, que vieram a culminar no acordo de cessar-fogo, assinado em 1991. Tal acordo estabeleceu o controle das forças nos limites ocupados até a data do acordo, o que não satisfaz nem os saarauís nem os marroquinos. Para garantir o respeito e cumprimento do acordo, a ONU estabeleceu a criação da MINURSO (Missão da ONU para o Referendo do Saara Ocidental).

Essa missão foi estabelecida pela Resolução 1960 do Conselho de Segurança (CSNU) em 29 de abril de 1991. A missão visa conduzir um censo e propiciar a realização de um referendo, já tentado pela Espanha antes de se retirar, que permita à população saarauí escolher entre a independência e a anexação ao Marrocos. Porém, o governo Marroquino não reconhece tal referendo, por defender que a região faz parte do seu território, não aceitando nenhum resultado diferente deste. Além da predominante dificuldade de estabelecimento de um consenso quanto ao corpo eleitoral do referendo (ESTRADA, 2014). Apesar do cessar fogo, a tensão na região é constante e nos últimos anos registra-se uma escalada.

No início de 2018, uma movimentação das tropas deixou frente a frente, separada por 120 metros de terreno, tropas da Frente Polisário e do Reino do Marrocos. Essa escalada nas tensões levou o Rei do Marrocos a denunciar as provocações da Frente Polisário na ONU e no CSNU. O governo marroquino alega que os saarauís recebem apoio da Argélia, que teria interesse na formação de um Saara Ocidental sob sua influência. Além disso, Rabat acusa o Irã de fortalecer o exército da Frente Polisário, atuando por meio do Hezbollah e com o apoio argelino. Essa situação levou o Reino do Marrocos a cortar relações com o governo iraniano em maio de 2018.

A disputa entre Rabat e os saarauís ganhou novos contornos com a entrada do Marrocos na União Africana em 2017, depois de ficar muito tempo como sendo o único país africano a não compor a organização. Ao fazer isso, o governo marroquino, em tese, reconhece o governo da RASD, visto que a UA reconhece o Saara Ocidental sob domínio

saarauí. Essa visão ainda é rechaçada por Marrocos, que procura alternativas para não abrir mão do território que ocupa.

Em maio de 2018, completaram-se 45 anos da luta armada da Frente Polisário contra as forças por eles denominadas “ocupantes”. Os desfiles militares feitos pelos saarauís não foram bem vistos por Rabat, que os acusou de provocação e de não respeitarem os termos no acordo de cessar-fogo. Como resposta às tensões renovadas, o secretário geral da ONU, Antônio Gutierrez, voltou a solicitar que ambas as partes respeitem o acordo e que uma solução seja encontrada.

Apesar dessa situação e da presença da MINURSO, uma solução ainda não foi encontrada, com a insistência do governo marroquino em reclamar seu direito sobre o território do saarauí, e com os combatentes da Frente Polisário buscando o controle total do território. Assim, mesmo que cerca de 80 países até o ano de 2013, já reconheçam o Saara Ocidental como um país independente, com o controle pela RASD, inclusive a UA, Rabat continua a não aceitar tal posição, alegando que é um desrespeito a sua soberania (SMOLAREK, 2013).

Vale destacar que ocorrem muitas violações de direitos humanos como discriminação racial, supressão cultural, prisões arbitrárias, além de uso de violência contra os civis (SMOLAREK, 2013; HRW, 2018). E ainda se observa a dificuldade da mídia em relatar os acontecimentos no Saara Ocidental, pois as forças militares da ocupação não permitem o acesso dos jornalistas e nem das organizações internacionais de direitos humanos no território ocupado (GIOVANAZ, 2020).

Em 13 de novembro de 2020, o cessar-fogo estabelecido há quase 30 anos foi rompido devido a um ataque do Marrocos à porção sul do Saara Ocidental denominada “fenda de Guerguerat”, retomando a luta armada entre a Frente Polisário e o Marrocos. A ONU não se pronunciou e os saarauís declararam “estado de guerra”. O Exército de Libertação do Povo Saarauí (SPLA) revidou o ataque marroquino bombardeando as suas bases (GIOVANAZ, 2020).

De acordo com Mahjoub Hussein Mleiha, a ocupação da região do Saara Ocidental é estratégica para os interesses do Marrocos e da Espanha assim como para a estabilidade do entorno, além de converter mais uma fronteira da Argélia em estado de conflito, já que o Mali e a Líbia se encontram em condição de hostilidade (GIOVANAZ, 2020). Ainda é importante ressaltar que essa área apresenta um dos maiores depósitos de fosfato do mundo, assim como é a principal fronteira marinha entre a Europa e a África

(SANZ, 2018), o que, por sua vez, implica em questões de interesse econômico e migratório. Dessa forma, a manutenção de uma boa relação entre Marrocos e Espanha é relevante devido ao caráter dependente do envolvimento quanto a sérios fatores como imigração, terrorismo e ao tráfico de drogas oriundo do Norte da África (ESTRADA, 2014).

Segundo o Mahjoub Hussein Mleiha, a única forma de se atingir pacificamente a descolonização do Saara Ocidental é a conclusão da realização de um referendo livre e justo que possibilite ao povo sauarí exercer o seu direito à autodeterminação. Ele ainda expõe que a ONU, a União Africana e a União Europeia devem ser os principais atores a tomar uma atitude (GIOVANAZ, 2020).

Entretanto, no dia 10 de dezembro de 2020, os EUA reconheceram a soberania do Marrocos sobre o Saara Ocidental. De acordo com a declaração oficial do presidente Trump: “Os EUA acreditam que um Estado saaruíta independente não é uma opção realista para resolver o conflito e que a autonomia autêntica sob a soberania marroquina é a única solução viável. Exortamos as partes a iniciar conversações sem demora, utilizando o plano de autonomia do Marrocos como único marco para negociar uma solução mutuamente aceitável” (MONGE, 2020). Dessa forma, os EUA ignoram a luta do povo sauarí pela autonomia do Saara Ocidental por acreditarem que o reconhecimento da soberania do Marrocos sobre a região é a melhor opção para estabelecer a paz.

Enquanto isso, a Frente Polisário declarou que “A postura [...] é uma violação flagrante da Carta das Nações Unidas e das resoluções de legitimidade internacional” e que a medida “obstrui os esforços da comunidade internacional para encontrar uma solução para o conflito” (WESTERN..., 2020). Sendo assim, acredita-se que o conflito se mantém na perspectiva de que a Frente Polisário continuará a sua luta pela autodeterminação do povo saarauí.

## REFERÊNCIAS

ESTRADA, Rodrigo Duque. Saara Ocidental: história, geopolítica e perspectivas da “última colônia”. **Cadernos de Relações Internacionais**, v.7, n.1, 2014.

ESTRADA, Rodrigo; COSTA, Renatho. **Acervo**. 1 fotografia. Disponível em: <http://noticias.r7.com/internacional/entenda-o-conflito-do-saara-ocidental-a-ultima-colonia-africana-23092018>. Acesso em: 15 dez. 2020.

GIOVANAZ, Daniel. Saara Ocidental: o que está em jogo na guerra que recomeça após 30 anos na África. **Brasil de Fato**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/11/19/saara-ocidental-o-que-esta-em-jogo-na-guerra-que-recomeca-apos-30-anos-na-africa>. Acesso em: 15 dez. 2020.

HRW. World Report 2018: Marroco/Western Sahara: Events of 2017. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2018/country-chapters/morocco/western-sahara#>. Acesso em: 15 dez. 2020.

INTERNATIONAL COURT OF JUSTICE. Western Sahara. Advisory Opinion, 16 October 1975. Disponível em: <https://www.icj-cij.org/public/files/case-related/61/061-19751016-ADV-01-00-EN.pdf>. Acesso em: 15 dez 2020.

MONGE, Yolanda. EUA reconhecem soberania de Marrocos sobre o Saara Ocidental em troca do início de relações com Israel. **El País**. 12 dez. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-12-10/eua-reconhecem-soberania-de-marrocos-sobre-o-saara-ocidental-em-troca-do-inicio-de-relacoes-com-israel.html>. Acesso em: 15 dez. 2020.

PEREIRA, Pascoal Santos. Saara Ocidental: um processo de não-autodeterminação nacional? **Ciência e Cultura**, Mundo Árabe, São Paulo, v. 64, n.4, p. 22-26, dez. 2012.

SMITH, Danielle Van Brunt. **FMO Research Guide**: Western Sahara. Forced Migration Online, 2004. Disponível em: <https://www.yumpu.com/en/document/read/12207538/fmo-country-guide-western-sahara-forced-migration-online>. Acesso em: 15 dez. 2020.

SMOLAREK, Adriano Alberto. **Conjuntura Global**, Curitiba, v.2, n.1, jan./mar., 2013, p. 34-38.

UNGER, Luke. Clashes Between Morocco And Western Sahara Break 30-Year Truce. Disponível em: <https://theowp.org/reports/clashes-between-morocco-and-western-sahara-break-30-year-truce/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

UPPSALA CONFLICT DATA PROGRAM. Morocco: Sahrawi Arab Democratic Republic (Western Sahara), [2020]. Disponível em: <https://ucdp.uu.se/conflict/331>. Acesso em: 15 dez. 2020.

WESTERN sahara conflict in 500 words, **Al Jazeera**, 11 dec. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/12/11/western-sahara-conflict-in-500-words>. Acesso em: 15 dez. 2020